

Trajectoria entre o “Campo Inicial” e a Formação Antropológica: a partir de onde e como eu faço ciência?

Ewerton Domingos Tuma Martins¹

¹Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

Resumo

Este artigo busca demonstrar, a partir da minha experiência como morador do litoral da costa Norte do Brasil, região do salgado marapaniense, como se desvelou o encontro com a disciplina antropológica e as mudanças no fazer etnográfico a partir da pós-graduação. Assim, destaco a importância dos conhecimentos tradicionais dos/das agentes sociais da região por meio de suas narrativas e perspectivas de vida. Do mesmo modo, reflito sobre as dinâmicas socioculturais e as práticas de conservação ambiental, destacando o que chamo de “campo inicial” e “campo vivido”, após o encontro com as teorias antropológicas. Ademais, este artigo busca refletir sobre como o etnógrafo pode ser afetado pelos diversos aspectos de proximidade com o seu “campo” e sua comunidade.

Palavras-chave: Trajetória; Vivência; Extrativismo; Marapanim, PA.

Trajectory Between the “Initial Field” and Anthropological Training: from where and how do I do science?

Abstract

This article seeks to demonstrate, from my experience as a resident of the coast of the North coast of Brazil, region of the salt marapaniense, how the encounter with the anthropological discipline and the changes in ethnographic making from the post-graduation period were unveiled. Thus, I highlight the importance of the traditional knowledge of the social agents of the region through their narratives and perspectives of life. In the same way, I reflect on the socio-cultural dynamics and practices of environmental conservation, highlighting what I call the “initial field” and “lived field”, after the encounter with anthropological theories. In addition, this article seeks to reflect on how the ethnographer can be affected by the various aspects of proximity to his “field” and his community.

Keywords: Trajectory; Experience; Extractivism; Marapanim, PA.

Recebido em: 14/04/2023

Aceito em: 18/09/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

Neste artigo apresento reflexões sobre o fazer etnográfico de um pesquisador e morador da comunidade estudada. Os debates destacam as experiências de um campo inicial e as mudanças de perspectivas no campo vivido após a formação em antropologia. A trajetória de campo se inicia com reflexões socioambientais narradas em minhas composições musicais sobre a região de Marapanim, PA. Do mesmo modo, a mudança para a Vila de Bacuriteua para execução de trabalho docente me provocou inquietações que materializaram o campo inicial, com características mais empíricas, ou intuitivas: o aprimoramento do fazer etnográfico fundamentado em experiências pessoais e a partir do encontro com a disciplina antropológica.

Meu campo inicial ocorreu alguns anos antes de ingressar no curso de pós-graduação em antropologia, mas só entendi a importância das entrevistas e dos registros realizados depois do ingresso. Nesse sentido, não fiz o percurso comum de acesso ao mestrado, pois acreditava que a formação continuada era impossível para pessoas como eu, que não faziam parte dos grupos de pesquisa e da realidade acadêmica, demorei anos para voltar à academia. Acredito ter feito uma trajetória inversa, primeiro o campo e depois o contato com as teorias que fundamentam minha pesquisa atual.

Sou morador do município de Marapanim, PA, sendo essa região a qual me proponho a estudar. Assim, descrevo os caminhos que me conduziram a problematizar certas situações locais e a refletir sobre aquilo que me incomodava e atizava criticamente (Peirano, 2014, p. 378). Percebi a falta de pesquisas contemporâneas sobre o município e a ausência dos agentes locais (pescadores, extrativistas, ribeirinhos, entre outros) quando fui redator da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e tivemos que regionalizar os conteúdos para atender às orientações da secretaria municipal de educação de Marapanim, PA.

Com a chegada da pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, realizei junto à comunidade várias atividades extrativistas para a nossa sobrevivência durante o *lockdown*. No momento de afastamento das escolas e da luta pela sobrevivência, comecei a elaborar o meu projeto de mestrado. Entre vários processos de seleção, fui aprovado em dois cursos de pós-graduação, na ampla concorrência, ambos na área de antropologia, optando por aquele com melhor colocação.

A partir disso, comecei o interesse pelas etnografias feitas por pessoas pertencentes ao lugar estudado. Dessa forma, as bases deste artigo são as reflexões provenientes do meu olhar sobre a comunidade onde moro, observando não somente suas singularidades, mas analisando a mim mesmo como pesquisador. Estabeleço diálogos entre as vivências iniciais antes das leituras antropológicas e o “campo vivido”, quando me apropriei das

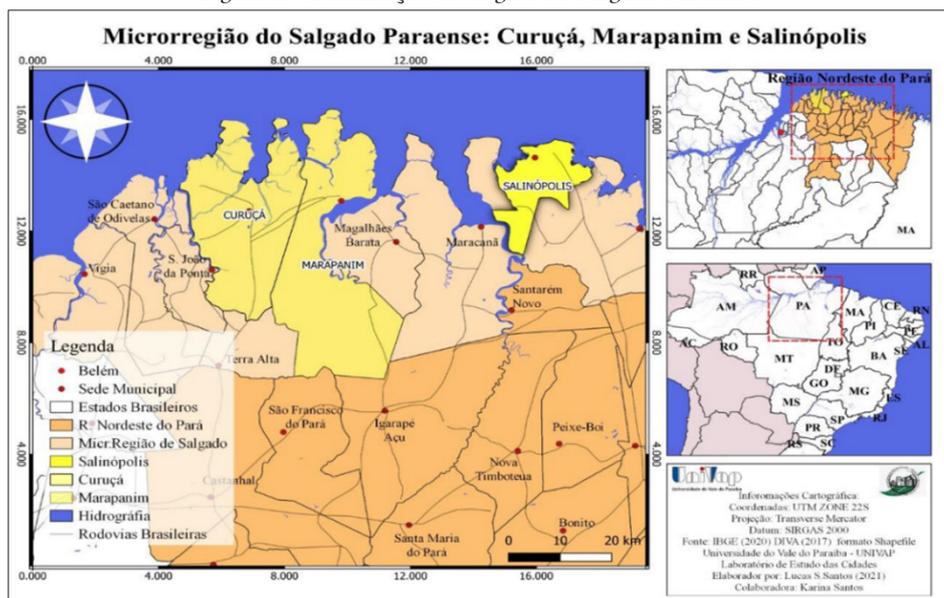
ferramentas analíticas e do “olhar antropológico”. Portanto, o campo “vivido” não antecede à teoria antropológica, mas deriva da efetiva apropriação desta última, fortalecendo minhas análises e contribuindo para o fazer etnográfico no âmbito do extrativismo e nos modos de vida da minha região.

2 A Trajetória de um “Campo Inicial”¹

Atualmente sou morador da Vila de Bacuriteua em Marapanim, PA, localizada na parte geográfica conhecida como região do salgado paraense (Santos; Costa, 2021, p. 3), com acesso pela estrada PA-138, uma distância de aproximadamente 170 km da capital do Estado do Pará². O município de Marapanim, PA, situa-se na Zona Costeira do Estado do Pará, Região Norte e Amazônica do Brasil, uma região cercada pelas paisagens praianas, composta de muitos rios, matas e mangais.

Minha relação com esse município vai muito além do turismo, minhas raízes ancestrais estão nesse lugar. Sou filho, neto e bisneto de marapanienses³ extrativistas; meu pai, quando jovem, foi à capital paraense em busca de melhores condições de vida e eu, na fase adulta, saí da cidade de Belém, PA, para o município de Marapanim, PA, em busca de qualidade de vida.

Figura 1 – Localização da Região do Salgado Paraense



Fonte: Santos e Costa (2021, p. 8)

O município é dividido por duas microáreas, que se distinguem por suas atividades econômicas, sendo uma mais distante do litoral e a outra litorânea. A pesquisadora

¹ O campo inicial antecede à teoria antropológica, é realizado de maneira intuitiva, sem roteiros, bases metodológicas ou problemáticas antropológicas. O termo “campo vivido” deriva da efetiva apropriação das bases conceituais antropológicas a partir do ingresso no curso de antropologia. A divisão entre os campos é produto do novo olhar sobre o fazer etnográfico.

² Distância verificada pelo autor do centro de Belém até a sede de Marapanim.

³ Nascido em Marapanim, PA, pertencente à região.

Lourdes Furtado, em 1970, denominou essas duas áreas de “micro-região da Água Doce” e “micro-área Praiana” (Furtado, 1978, p. 3-4). Para os marapanienses, essa denominação é feita popularmente como “região da água doce de Marapanim”, ou simplesmente “água doce” e região do salgado marapaniense, ou simplesmente “salgado”. A região do salgado marapaniense é formada pela sede do município⁴ e, aproximadamente, 18 comunidades que vivem da pesca, extração de recursos oriundos da natureza, entre outros (ICMBio, 2014, p. 10).

A Vila de Bacuriteua é povoada por uma parcela significativa de parentes consanguíneos pertencentes à minha família paterna. Embora meu pai tenha saído da comunidade para morar na capital, o forte laço familiar sempre o levava à Vila. Após se casar, retornava com a nova família para passar longas temporadas. Desde a infância frequentava a região e admirava o ecossistema local. Na adolescência e início da fase adulta, o contato com o ecossistema costeiro me motivou a compor e a interpretar músicas com temáticas que refletiam sobre essa realidade.

Escrevi inúmeras canções permeadas de narrativas e preocupações com o meio ambiente litorâneo e interiorano. Uma de minhas composições reconhecidas pelos moradores da região é a canção “Bacuriteua”, sua melodia e popularidade me renderam um prêmio na categoria aclamação população no IV Festival de Música Brasileira, em Belém, no ano de 2022. A mesma composição recebeu o convite para ser o Hino do time Bacuriteua Futebol Club (BFC). Ao lembrar dos momentos em que compunha, penso que o distanciamento da região do salgado era o meu maior incentivo para as produções musicais, naquela época ainda não morava na localidade e sentia saudade das paisagens e das conversas. Nesse contexto, vivia uma observação distanciada, não visualizava diretamente os contextos socioculturais dos moradores locais.

Jeanne Favret-Saada (2005), no artigo “Ser Afetado”, ao refletir sobre o seu deslocamento até a região do Bocage francês para desenvolver seus estudos, demonstra sua experiência sobre como viver o trabalho de campo e como foi afetada em seu fazer etnográfico. Segundo a autora, o modo usado para obter suas informações não ficou nem no campo da observação participante, muito menos no campo da empatia.

Conforme destaca a autora, é necessário observar a pessoalidade do pesquisador, pois ela é desenvolvida com a participação direta e prolongada no campo, se ocorrer somente no campo da observação distanciada, corre o risco de realmente não ter nada para ver. Meu campo inicial antecedeu à teoria antropológica, embora minhas composições apresentem pautas da degradação ambiental, as observações eram distanciadas mesmo provindas de laços fraternos na região.

No ano de 2018, fui morar no município de Marapanim, PA, para exercer atividade docente na Secretaria Municipal de Educação. A mudança proporcionou o reencontro com as paisagens, parentes e amigos da juventude. Todavia, dessa vez, não voltava a passeio, mas a trabalho. As atividades docentes nos anos consecutivos me conduziram a observar mais atentamente as práticas sociais, educacionais e políticas da minha e de outras comunidades próximas. De certa forma, segui os princípios de transformar o familiar em exótico e o exótico em familiar (Da Matta, 1985).

⁴ A sede do município é onde estão situadas: prefeitura, bancos, hospital municipal, entre outros órgãos públicos e de serviços.

Apesar de não ter estado na academia em meu campo inicial, não havia me dado conta que fiz o levantando de informações que também seriam, posteriormente, usadas na minha pesquisa. Uma etnografia feita não por uma pessoa que viria para o lugar e iria embora posteriormente, mas como um morador que vivia, observava, ouvia, sentia e passou a se incomodar e ler sobre as questões locais.

Conforme aponta Favret-Saada (2005) no processo de produção de dados de campo, as experiências indicam liberdade para reformular as antigas formas de produzir dados de campo, cuja participação integrada é um sinônimo de experiência singular, mas que, apesar da proximidade com o que se está estudando, não deve ser tratada como uma experiência pessoal, mas sim uma experiência etnográfica. Dessa forma, mudar-me para região do salgado marapaniense, trabalhar como docente e viver o cotidiano do município contribuíram com as mudanças em meus próprios paradigmas.

No ano de 2019, trabalhei no município como redator na implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas disciplinas de História e de Estudos Amazônicos, ambas direcionadas para o Fundamental (do 6º ao 9º ano). Na elaboração dos eixos temáticos, muitos docentes não sabiam ao certo qual era o papel da nova base curricular, mas um fator relevante foi a orientação para a regionalização de temas, a fim de aproximar o currículo à realidade do alunado. Nesse processo, me deparei com a falta de material didático sobre o município, principalmente no tocante à disciplina de Estudos Amazônicos.

A busca por materiais aguçou minha curiosidade sobre as mudanças nas dinâmicas extrativistas locais. Assim, comecei a contextualizar minhas vivências locais aos conteúdos escolares, trazendo para os debates os conhecimentos adquiridos na pesca nos rios que adentram o mangal⁵, a extração de turu e sarnambi, entre outras atividades das quais participava eventualmente com parentes.

Após a publicação do documento curricular educacional de Marapanim alinhado à BNCC, escrevi um artigo sobre os desafios da implementação da lei de ensino de história e cultura afro-brasileira em escolas públicas do município (Martins, 2021). Nesse trabalho, fiz uma espécie de etnografia intuitiva, pois realizei pesquisa de campo sem contato direto com a literatura antropológica. Normalmente, os estudantes/pesquisadores primeiro adquirem o aporte teórico e depois das disciplinas de trabalho de campo ou leituras do fazer antropológico partem para o campo em si. Mas, “quando os índios somos nós”, em alusão ao título do texto de Lima (1997), o processo formativo não acontece de forma linear, segue especificidades até o encontro ou desencontro com as eventuais quantificações.

Meu campo inicial acontecia em visitas aos amigos, vizinhos e parentes da comunidade, as conversas eram sobretudo com os mais velhos, os quais alguns faleceram na pandemia. Entre um cafezinho e outro, perguntava sobre a origem da Vila de Bacuriteua, os primeiros moradores, os graus de parentescos, as construções dos trapiches, as espécies de fauna e flora e as mudanças nos córregos de manguezal. Esses registros não foram feitos num diário de campo, mas os registrei em áudio e vídeo. Ao retornar a essas fontes, observo

⁵ O termo “mangal” é o único identificado com uso mais frequente por parte dos moradores da região do salgado marapaniense. O ICMBio, por meio de seu “*Atlas dos Manguezais do Brasil*”, aponta que o termo “mangal” equivale a todo o ecossistema manguezal composto de plantas, animais e micro-organismos, e o termo “mangue” é relacionado à vegetação presente no manguezal (ICMBio, 2018, p. 18).

nas estrelinhas dos interlocutores seus posicionamentos, expressões e angústias. Outra circunstância vivenciada que me conduziu a um campo participativo foi a chegada da pandemia.

3 Afastamento, Pandemia e Retorno às Atividades Tradicionais

Como decorrência do *lockdown* decretado no município em 2020, muitas pessoas ficaram desempregadas e, sem renda, retornaram às atividades extrativistas, como a pesca e a catação do caranguejo. Tais atividades assumiram o papel de principais, e serviram para manter a alimentação das famílias e para ajudar a enfrentar o período pandêmico.

Outro grupo observado foi o das pessoas que fugiram das grandes cidades e se estabeleceram em Marapanim, PA, para ter um contato maior com a natureza ou sobreviver à pandemia do Sars-CoV-2. Muitos desses sujeitos nunca haviam tido contato com atividades tradicionais e buscaram os conhecimentos locais para se manter. Tais situações reforçam a importância dos saberes tradicionais e das formas de manejo sustentáveis. A busca por atividades tradicionais demonstrou que mesmo com atividades diversificadas⁶ e com o acesso à internet e às tecnologias digitais, o conhecimento tradicional ainda se faz presente na cultura local por meio das pessoas que sobrevivem e significam os mangais.

Foi ainda na pandemia que aproveitei o recesso sem remuneração para participar de seminários e congressos *on-line*. Também aprimorei meu projeto de pesquisa e o submeti a diferentes programas ligados à área da antropologia e da linha de pesquisa em populações e comunidades tradicionais. É importante mencionar que foram várias tentativas, provas teóricas/objetivas, defesa do currículo e entrevistas pelas plataformas digitais. Busquei o apoio de outros estudantes da pós-graduação por meio de oficinas de leitura e acompanhamento ministradas pela representação discente do meu atual PPG. Dadas as minhas condições, dificilmente conseguiria aprovação sem essa ajuda. Os oficinairos e oficinairas além de contribuírem com tutorias especializadas, motivavam os candidatos a não desistirem de seus projetos e sonhos independentemente das notas lançadas.

Os editais, em muitos casos, são complexos e a ajuda de quem já foi avaliado por uma banca contribui para esclarecer dúvidas, seguir os desígnios do certame e ajustar o projeto aos objetivos do curso. O processo para ingresso na pós-graduação não é fácil, sobretudo para aqueles que se afastaram durante muito tempo da academia, daqueles que vivem em situações de vulnerabilidade socioeconômica e tiveram que se atualizar de novas leituras e debates para construir um projeto relevante para as comunidades da pesquisa e dos programas. Outrossim, ajustar o projeto à linguagem acadêmica foi um

⁶ No município de Marapanim, PA, muitas vilas da região do salgado marapaniense são constituídas, hoje, por pessoas com atividades laborais diversas. Entre elas, podemos encontrar taxistas, mototaxistas, DJs, pedreiros e ajudantes, comerciantes com estabelecimento fixo, vendedores de porta em porta, professores, serventes de escola, agente de saúde, técnico de enfermagem, vendedores de loja, reparadores de casas de veraneio e aposentados. Neste último caso, observa-se que essas aposentadorias correspondem a atividades laborais tradicionais como pesca, agricultura e extração de mariscos e que foram viabilizadas pela cooperativa (colônia) de pescadores de Marapanim, PA, junto ao INSS. Nota-se que, com o passar dos anos, houve um significativo afastamento das atividades tradicionais e as novas gerações apresentam um desconhecimento ou pouco conhecimento sobre essa tradicionalidade.

dos maiores desafios, sem esquecer das provas de língua estrangeira que também são formas de excluir ou limitar o ingresso das minorias.

Em muitos momentos, senti que não conseguiria a aprovação, em alguns contextos, acreditei que minha formação na graduação fosse inferior por não ter sido em uma universidade pública. No entanto, a cada reprovação, eu reelaborava o projeto e me preparava para as entrevistas, até que em 2021, fui aprovado em dois programas de mestrado e com indicação para bolsa. Minha comunidade, amigos e familiares ficaram radiantes pela conquista e, assim, iniciou minha jornada acadêmica e formação antropológica.

4 Reflexões após a Antropologia⁷

Neste tópico analiso a relação do “campo inicial” com a antropologia após meu ingresso na pós-graduação. Estabeleço relações entre o imbricamento de bases empíricas de minha experiência como morador e de bases teóricas da antropologia como disciplina acadêmica.

Como mencionado anteriormente, desde minhas composições como músico, eu problematizava a relação dos seres humanos com a natureza, a maior inspiração das letras era a Vila de Bacuriteua e as paisagens do mangal. Porém, ao morar em Marapanim e viver na comunidade, as questões ambientais foram ampliadas para entender o contexto socioeducacional. A partir das experiências como professor e redator da BNCC, senti a necessidade de contribuir com estudos sobre a região de modo a trazer os saberes locais à sala de aula. Com a chegada da pandemia, comecei a aprimorar minhas ideias e a formular um projeto de pesquisa em que pudesse utilizar os dados de meu campo inicial e aprimorar minhas reflexões com as referências da disciplina antropológica.

Poder refletir do ponto de vista acadêmico sobre questões ligadas ao extrativismo na região do salgado marapaniense situou-me em uma posição na qual posso contribuir para a minha comunidade. Pelas leituras realizadas ao longo do curso, foi possível estudar outras localidades nacionais ligadas às atividades extrativistas, as quais passam pelos mesmos conflitos, transformações e outras situações como em Marapanim. Assim, expressar minhas ponderações sobre os fazeres das pessoas da região e seus conhecimentos contribuiu para distanciar classificações pejorativas e valorizar os saberes dos extrativistas locais.

Embora tivesse noção da importância do lugar onde moro, uma área de proteção ambiental, a antropologia motivou-me a pensar sobre os sujeitos que habitam esse lugar, as transformações antrópicas no ambiente e as estratégias de sobrevivência das comunidades. Ao me distanciar para cumprir as disciplinas obrigatórias do curso, pude olhar a mim mesmo e pensar por outros prismas o *locus* da pesquisa. Entendendo que o fato de iniciar uma etnografia sobre seu povo, seu lugar, por mais próximo que pareça, sempre haverá um distanciamento, pois “seremos nós mesmos e nada mais” (Evans-Pritchard, 1976, p. 246).

Entendo que ao etnografar e citar outro deverei compartilhar as informações e trazer os resultados alcançados sobre o que estou me propondo a produzir sobre ele, junto com

⁷ Neste tópico, inicio um diálogo mais amplo com alguns autores dos quais tive contato no decorrer do curso de pós-graduação em Antropologia.

ele. O comprometimento ético deve servir de subsídio para que os saberes locais possam ser valorizados. Além disso, trazer para academia outras vozes com formas próprias de entender o mundo, lidar com o ecossistema costeiro e conservar certas espécies, é uma das possibilidades de conhecer as diversidades amazônicas.

Ao considerar minha condição de etnógrafo e residente do lugar, ao trabalhar com as mudanças na pesca artesanal na região do salgado de Marapanim e suas dinâmicas entre tradição e modernidade, relembro as indicações de Evans-Pritchard (1976, p. 246), na “observação participante” com os Azande. Como morador de uma comunidade tradicional, é inevitável participar das atividades cotidianas locais. Na companhia de outros moradores e de parentes, participo da pesca de escora na praia, da pesca de linha de mão no mangal, da extração de sarnambi, turu, entre outros. O que muda em minha participação é que as vezes analiso, descrevo e contextualizo as atividades realizadas.

Um exemplo disso foi uma saída de canoa pelo braço do rio São José, rio que corta o mangal atrás de boa parte das casas da vila de Bacuriteua até chegar a uma formação rochosa, nesse dia, fomos catar sarnambi. Ao mesmo tempo em que estava ali para complementar minha dieta alimentar, me mantinha atento às formas de se desenvolver a atividade e sempre que podia perguntava sobre as outras formas de realização da coleta e as ferramentas adaptadas de trabalho. Ao final, estava ali catando sarnambis e recebendo novas informações.

Figura 2 – Catação e preparação do sarnambi



Fonte: Acervo pessoal do autor deste artigo (2021)

Embora não me coloque na posição de nascido na comunidade, mas como alguém que foi morar na comunidade e passou a viver o cotidiano local, durante minhas incursões laborais, a depender das circunstâncias, assumi aquilo que propõe Norbert Elias (1956) sobre distanciamento analítico. Suas considerações permitem o entendimento da capacidade para oscilar, relativamente, entre a proximidade e o distanciamento do campo e do outro, constituindo a exigência metodológica e psicológica essencial para o trabalho etnográfico.

Evans-Pritchard (1976) ressalta que devemos nos despir de nossas crenças para melhor nos expressar sobre o entendimento daquilo que é do outro. Sobre a ideia de crença, não me coloco em oposição à crença do outro, até porque convivemos no mesmo lugar, mas entendo que nossas concepções de mundo nem sempre são as mesmas.

Contudo, em meu olhar como pesquisador, normalmente busco informações que estão nas entrelinhas de nossa realidade.

Para Clifford Geertz (1978), interpretar devidamente as entrelinhas viabiliza que o etnógrafo, além da possibilidade de uma comunicação direta com seu interlocutor traduza determinada informação de forma coerente na construção de uma descrição mais apurada. Nessa perspectiva, as informações de minha pesquisa foram gradativamente analisadas conforme o amadurecimento de minhas leituras, afastamento e retorno do campo e escrita etnográfica.

Sobre a organização do trabalho antropológico, Roberto Da Matta (1985) designa três fases para descrever a organização do trabalho antropológico: teórico-intelectual, o período prático e a etapa pessoal/existencial. Nessa última fase, Da Matta (1985) demonstra o *Anthropological Blues*, que, se comparado ao *Blues* ritmo musical, necessita ser recheada de emoções, sensações, vivências e experiências. Essa última fase sustenta o caráter subjetivo do trabalho de campo.

O *Blues* em seus primórdios teve a característica marcante de trazer à tona situações em torno do lamento de pessoas afrodescendentes escravizadas trabalhando em plantações de algodão onde somente um fazer musical lamentoso servia de conforto aos seus corações. Analogamente, um *Blues* Antropológico não deve esquecer as dores e até as alegrias de tudo que foi vivido ao longo da pesquisa e, nesse sentido, Lima (1997, p. 53) acentua que:

A aceitação de que a especificidade do saber antropológico, entendida como crítica permanente de nossas categorias de análise organizadas em nossa produção intelectual, faz-se indissociada e a partir de nossas próprias experiências culturais, emocionais e intelectuais, sempre presentes em nossa tradição de estudos comparativos. Essa perspectiva, somente possível quando se exercita a tolerância com a diferença, aprendida por reconhecê-la inevitavelmente em nós mesmos, deverá ser nosso guia por esses, sem dúvida, árduos caminhos.

Para Ruth Behar (1996, p. 162), na subjetividade do campo, as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa e do pesquisador sempre se encontram. Logo, não existe etnógrafo invisível no campo, pois suas emoções estão sempre lá. No final do campo, partimos para a solidão da escrita etnográfica e da transcrição das informações. As marcas das emoções são registradas nas narrativas e nos detalhes da composição dos arranjos textuais.

Segundo Bruner (1986), o antropólogo que acha que está somente descrevendo o presente é um profissional ingênuo, pois as narrativas do passado são histórias que já foram recontadas, reescritas e ressignificadas de diversas formas. Assim, ao descrevê-las, selecionamos determinados pontos e recortamos outros conforme o contexto social que queremos escrever/reinterpretar. Nesse sentido, devemos nos reconhecer em um mundo de sociedades contadas e recontadas, em que as entrelinhas dos fatos desvelam singularidades, agências e resistências.

Muitas informações que coletei como material de pesquisa não são oriundas apenas da observação, mas também foram obtidas por meio da oralidade em entrevistas e conversas. A importância da oralidade ao longo do tempo dá-se ante ao fato de que o relato oral é a mais antiga forma de transmissão de conhecimento entre quem narra e quem ouve. Queiroz (2008) reforça tal importância, mesmo que não seja unânime sua

aceitação entre os cientistas sociais, pois muito se fala no âmbito acadêmico sobre a variabilidade de dados individuais e a totalidade que deve ser considerada no trabalho científico, porém:

Todo o fenômeno social é total dizia Marcel Mauss nas décadas de 20. O indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamento e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através da sua história (Queiroz, 2008, p. 55).

A citação acima corrobora com a ideia de que formas de organizações maiores e mais complexas são advindas de unidades menores e mais simples, logo essa é uma dinâmica que parte do micro para o macro. Ademais, o que quero enfatizar aqui é a importância de relatos individuais no sentido de gerar informações importantes para a análise de determinado grupo.

Sobre os relatos orais, busco analisar o que meus interlocutores falam sobre sua experiência individual ou em grupo, interessado também em sua história de vida. Nas conversas em meu campo vivido, a maioria dos interlocutores narra situações e momentos importantes de sua vida. Por mais que eu parta de uma elicitación com um roteiro prévio, as conversas delineiam momentos de emoção, reflexão e/ou exaltação.

Certa vez, eu estava pescando em uma praia da região com um interlocutor e perguntei-lhe sobre a pesca de linha de mão realizada antigamente com mais frequência nos quintais das casas com fundos para os rios que adentram o mangal. Para tratar desse tipo de pesca, meu colaborador contou sobre como começou a pescar, lembrou dos tempos de fartura e como isso afetava sua vida. Ressaltou que há aproximadamente 30 anos essa modalidade de pesca rendia uma quantidade razoável de peixes variados, mas que hoje estava escassa.

Um segundo exemplo ocorreu quando entrevistava outro interlocutor sobre a catação do sarnambi. Ele revelara entristecido a considerável baixa na quantidade do molusco em um período aproximadamente 35 anos. Contou quando fazia catação com seus pais para consumo próprio e para venda, e, apesar do trabalho, havia muita diversão no banho de rio. Lembrara que antes se conseguia bons resultados na catação e que nos dias de hoje são necessárias longas horas de trabalho.

Outra situação aconteceu em uma conversa sobre pescado, meu interlocutor de forma mais rígida e preocupada disse que barcos de pesca de arrasto, que servem a supermercados de Belém, PA, pescam em grande escala no mar próximo ao litoral marapaniense, reduzindo, assim, a entrada do pescado nos estuários da região. Quanto à redução da quantidade do sarnambi, disse ocorrer devido à extração inadequada e à explosão populacional. Sua expressão foi de revolta e indignação.

Nos exemplos citados, é possível perceber as subjetividades de meus interlocutores sobre os assuntos de conservação ambiental, degradação das áreas de mangue, tipos de pesca e redução de espécies de peixes e moluscos. É importante compartilhar que as preocupações e as indignações apontadas por eles também me afetam significativamente como morador da região. Embora, atualmente, não sobreviva diretamente da pesca ou da catação dos crustáceos e moluscos, já tive a experiência de depender somente dessas

atividades para me alimentar, e a redução das espécies e alterações ambientais me preocupam profundamente.

Sobre a relação entre ser o etnógrafo e “ser afetado” no campo (Favret-Saada, 2005), como pesquisador e morador do salgado marapaniense, é impossível não deixar marcadas as minhas subjetividades no campo e na escrita etnográfica. Mesmo quando não dominava certas leituras antropológicas, já me sentia afetado no campo inicial, mas ainda não teorizava sobre isso e nem tampouco reconhecia sua relevância.

O levantamento de informações sobre a atividade de pesca artesanal e outras atividades correlatas ocorreram antes e durante a pós-graduação. Contudo, minha maior experiência de observar de perto a falta dos recursos oriundos da natureza foi no período da pandemia do Sars-CoV-2. Logo após a suspensão das aulas e dos contratos rescindidos pela prefeitura, vivenciei junto à comunidade a realidade de depender especificamente dos recursos naturais, tendo como única atividade de sobrevivência o extrativismo. Após esse episódio, dediquei-me com mais afinco a observar a importância dos conhecimentos tradicionais e das pessoas que sobrevivem desses recursos.

Mesmo considerando a importância dessas pessoas e de seus conhecimentos, ressalto que muitos não as consideram. Antes e depois de ser um residente local, presenciei por inúmeras vezes as pessoas vindas de fora da região, em grande parte turistas, discriminar os/as extrativistas locais por suas aparências e atribuir a eles e a elas configurações genéricas como “sujo, suja” e “maltrapilho, maltrapilha” pela lama do mangue, desprezando a importância de suas histórias de vida e seus conhecimentos para a conservação do meio ambiente.

Conforme ressalta Arturo Escobar (2007), a lógica de desmerecer ou desqualificar determinados trabalhadores ou sujeitos está embutida nas ações de certas pessoas pela ideia de desenvolvimento e civilidade; em vários casos, essas pessoas desmerecem os valores dos demais povos com o intuito de modernizá-los ou de expropriá-los para exploração dos bens locais. Desse tipo de pensamento advém a necessidade de entender o que os extrativistas (pescadores, ribeirinhos, camponeses, entres outros) pensam sentem e podem nos ensinar.

5 A Importância do Conhecimento Tradicional no Extrativismo Local

As comunidades da região em questão neste artigo se originaram ao longo dos mangais e praias, no passado o extrativismo acontecia de forma colaborativa por meio da união entre as pessoas dessas comunidades. Porém, hoje o trabalho ocorre de forma mais individualizada devido a conflitos de interesses econômicos e nas formas de manejar os recursos da região.

É válido salientar o distanciamento do pesquisador nas análises e na relação com o grupo pesquisado, pois trata-se de um nativo antropólogo. O respeito, a ética e a não romantização da figura do/da extrativista da região do salgado marapaniense é uma das questões abordadas na minha pesquisa. A ideia do “bom selvagem”, como elucidada por Cristina Adams sobre as populações caiçaras (Adams, 2000, p. 158), dialoga com

o contexto marapaniense no sentido de que a romantização dos sujeitos da pesquisa ocultaria detalhes importantes, como estratégias de pesca, ferramentais prejudiciais ao ambiente e “conflitos intergrupos” (O’Dwyer; Silva, 2020, p. 11).

Em relação aos aspectos econômicos, ressalto que as praias e mangais ainda são uma importante fonte de renda para muitas comunidades. Um dado importante é elucidado pela pesquisadora Lourdes Furtado (1978) na década de 1970, essa autora demonstrou que as comunidades de “Vista Alegre do Pará, Araticum-Miri, Paixão e Porto Alegre” praticavam a coleta de caranguejos e mexilhões e estabeleciam uma sólida relação de escoamento da sua produção às cidades de Castanhal, PA, e Belém, PA. “É no mangal que a atividade coletora tem o seu centro produtor” (Furtado, 1978 p. 26).

A maioria das pessoas que vivem do extrativismo, com idade entre 45 e 97 anos, com as quais pude conversar, concorda que em um período de 30 anos aproximadamente houve uma baixa considerável na quantidade de recursos naturais da região. De modo geral, essa redução ocorre pelo aumento populacional, bem como pela ocupação humana avançando sobre áreas de mangal e praias, além da constante pesca de arrasto, da falta de educação ambiental e do desprezo pelos conhecimentos tradicionais. Para meus interlocutores deveria haver alguma forma de inibir o crescimento da pesca de arrasto e um trabalho educativo mais efetivo junto às comunidades para poder preservar a renovação dos recursos naturais e evitar o provável desaparecimento de muitas espécies.

Figura 3 – Mangal invadido pela água do mar em maré de lance: Vila de Bacuriteua



Fonte: Acervo pessoal do autor deste artigo (2021)

Em meus atuais trabalhos de campo, pude observar alguns dos problemas relatados por meus interlocutores e interlocutoras, como a construção de casas na beira dos mangais, o desmatamento ilegal, o problema do lixo residencial e a extração inadequada de recursos naturais que não favorecem a renovação deles. Como exemplo, temos a extração do mel de abelha das colmeias localizadas nos mangais, cujos favos sofrem corte abrupto por meio de machados ou motosserra, logo cortam uma árvore apenas para

extração do mel. Outro exemplo é a extração de sarnambi feita nas formações rochosas por meio de enxadas e enxadecos, desprezando-se o uso dos “ganhos”⁸. Nesse tipo de extração, cavam muito mais fundo atingindo áreas de reprodução do molusco, essas coletas são consideradas inapropriadas por extrativistas que utilizam outros métodos menos agressivos.

Apesar das mudanças nas práticas extrativistas com a modernização de barcos, mercantilização da pesca e outras formas de catação de moluscos e crustáceos, consegui encontrar algumas pessoas que continuam executando formas tradicionais de lidar com o ecossistema costeiro. Esses agentes transitam por várias atividades, como pesca na praia, nos rios que adentram o mangal, a pesca do siri, a catação do caranguejo, sururu, sarnambi, a extração de turu, do mel de abelhas e tudo mais que esse ecossistema possa lhes oferecer para a subsistência. Além do extrativismo, preservam em seu cotidiano as relações de reciprocidade.

Como professor da região em vários contextos, fui chamado para ajudar os jovens e crianças locais nas atividades escolares. Também ajudava na inscrição de vagas para emprego, currículo ou nos processos de avaliação nacional, como no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). De forma recíproca, recebia de meus colegas pela atividade realizada: peixe, turu, sarnambi, entre outros.

Marcel Mauss (2003), ao conceituar a dádiva, destaca as relações de confiança, partilhas e trocas. De maneira análoga, no contexto das comunidades, posso também citar o trabalho de construção de curral de pesca em que os companheiros trocam sua força de trabalho por peixe e ajudam o dono do curral. Outra forma ocorre na venda de peixe baseada na confiança que é a venda no fiado para certos clientes e famílias sem a necessidade de nenhum tipo de documento. Esses extrativistas possuem técnicas tradicionais menos nocivas ao ecossistema.

A região do salgado marapaniense é um espaço de visível crescimento populacional com intrínsecas transformações socioambientais. Dessa forma, conflitos gerados pelo crescimento desorganizado e falta de orientações quanto ao manejo sustentável têm afetado a configuração do ecossistema local e levado algumas pessoas a se afastarem das dinâmicas tradicionais de manejo.

As divergências entre os extrativistas foram intensificadas e os motivos são variados: na catação de crustáceos, os embates ocorrem entre quem faz a extração do caranguejo-uçá diretamente com as mãos e braços e quem faz a extração com gancho de ferro; a oposição entre quem faz a pesca longe das áreas de reprodução e os que fazem nessas áreas; quem retira madeira próximo das margens dos rios e quem retira madeira na terra seca das matas.

O crescimento populacional, o aumento das atividades turísticas e a implementação de grandes comércios, como a venda de produtos industrializados, levaram algumas pessoas a se dedicarem a outras formas de trabalho, segundo meus interlocutores. Essas justificativas se assemelham aos estudos de Guilherme Aglio da Silva (2017, p. 14) sobre os pescadores artesanais de Itaipu:

⁸ Objeto artesanal feito localmente para extração de sarnambi na “região do salgado marapaniense”. É uma ressignificação do gadanho/ancinho original usado na agricultura. Tal objeto não atinge as camadas de reprodução (mais profundas) durante a extração do sarnambi.

Observa-se entre os filhos de pescadores uma quase que total preferência por outras carreiras que não a pesca. É comum colher relatos de pescadores que se orgulham de conseguirem colocar seus filhos em universidades com os ganhos da pesca para que não sejam pescadores, o que nos traz uma compreensão da situação da pesca no sistema de prestígio social relativo à profissão por parte dos próprios pescadores, além é claro da questão econômica; da vida na pesca não comportar mais o padrão de consumo desses sujeitos, que se eleva mediante às configurações sociais contemporâneas e a um território reconstituído como um balneário que inflaciona o custo de vida, ao passo que a piscosidade da região que garante os ganhos na pesca diminui.

No caso de Marapanim, pude ouvir relatos sobre filhos de pescadores que deixaram de acompanhar seus pais na pesca de curral, pois conseguiram empregos em lojas, açougues e mercadinhos, ou passaram a desenvolver outros negócios relacionados às dinâmicas do comércio de produtos industrializados. Para essas pessoas, as atividades tradicionais se transformaram em atividades secundárias e dispensáveis. Contudo, ainda há famílias que repassam as técnicas extrativistas de forma geracional. São essas pessoas que tenho buscado em meu campo vivido a fim de entender quais são as mudanças e as permanências de manejo.

6 Considerações Finais

Levando em conta minha trajetória, busquei, neste artigo, expor como o treino teórico, conceitual e metodológico do campo disciplinar da antropologia me permitiu compreender de outro modo uma realidade, que, em grande parte, eu considerava familiar. Pude refletir sobre os fazeres tradicionais das pessoas que detêm consigo conhecimentos passados por gerações e a importância desses saberes para as comunidades da minha região e para nós pesquisadores.

Considerando a influência da disciplina antropológica na minha formação, posso destacar sua contribuição na potencialização de informações sobre questões ambientais, econômicas, sociais e políticas. A possibilidade de interface entre as diferentes áreas do conhecimento, como arte, antropologia, educação e música enriqueceu os trabalhos que realizava. Os cuidados com a ética de pesquisa, os limites do etnógrafo/pesquisador e a necessidade de retornar as pesquisas para a comunidade foram outras considerações importantes do campo vivido. Do mesmo modo, a possibilidade de escrever e de publicar sobre os aspectos regionais e as histórias de vida de membros de minha comunidade e região fortalece os encaminhamentos para a gestão social dos recursos pesqueiros e das associações.

Falar sobre os conhecimentos dos extrativistas da região do salgado marapaniense desvela a importância do ecossistema costeiro de praias arenosas, dunas, estuários e mangais. Tais saberes, se estudados, ouvidos, respeitados e difundidos, podem ajudar para a conservação do meio ambiente local, garantindo a renovação dos recursos naturais.

Como um morador e pesquisador, pude repensar e entender o afastamento do campo como uma experiência necessária para o aprimoramento da pesquisa e das análises dos dados levantados. Além disso, as leituras sobre o retorno da pesquisa para a comunidade

fortaleceram a relevância da temática trabalhada e o meu comprometimento com a localidade. No âmbito do retorno, ressalto os estudos do pesquisador Fabiano de Souza Gontijo, em um artigo sobre a viagem às Ilhas Trobriand, em 2013, o qual levantou a questão sobre o que os antropólogos deixam para as comunidades estudadas e como estas veem as produções, sugerindo que a antropologia seja comprometida e possa reduzir os distanciamentos entre o pesquisador e seu interlocutor (Gontijo, 2017, p. 302).

Ademais, refleti sobre como o campo inicial e minhas inquietações sobre a região do salgado marapaniense foram se desvelando ao longo de minha trajetória antes da antropologia. Destaquei os fortalecimentos e os caminhos percorridos até o ingresso na pós-graduação e a empreitada que é o fazer antropológico. Acerca da complementação dos estudos, um dos desafios de minha formação foi conciliar o trabalho às atividades acadêmicas, tive que me afastar da docência para acompanhar o ritmo do curso. As leituras complexas e a linguagem técnica de alguns textos, com os quais não estava familiarizado, influenciaram no meu tempo de leitura e de reflexão, tornar a leitura acessível foi um dos princípios mais marcantes nos estudos de Lila Abu-Lughod (2018).

Poder gerar uma produção etnográfica do e para o local é uma forma de fazer ciência. Contextualizar histórias de vida somadas às metodologias e aos conceitos antropológicos em uma linguagem acessível pode ser algo que atraia os leitores da comunidade e incentive outras produções locais. Os *feedbacks* da pesquisa nos encontros com meus interlocutores estabelecem pontes entre os saberes locais e a comunidade acadêmica.

Fui primeiramente afetado pela vivência e pela convivência local e, posteriormente, afetado pela Antropologia. Nesse sentido, poder olhar de dentro da comunidade permitiu encontrar detalhes sobre situações sociopolíticas internas e intergrupais. Nesse âmbito, após o exercício etnográfico, perpassando por minha trajetória, posso agora ter uma noção mais abrangente de onde e de como eu faço ciência.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. A Escrita contra a cultura. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, Rio Grande do Norte, v. 5, n. 8, p. 193-226, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615>. Acesso em: 2 abr. 2023.
- ADAMS, C. 2000. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, [s.l.], v. 43, n. 2, São Paulo, AP.
- ALBERT, Bruce. “Situação Etnográfica” e Movimentos Étnicos: Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 129-144, 2014.
- BARTH, Fredrik. Etnicidade e o conceito de cultura. **Antropolítica**, Niterói, n. 19, p. 15-30, 2º sem. 2005.
- BEHAR, Ruth. Anthropology That Breaks Your Heart. In: BEHAR, Ruth (org.). **The vulnerable observer: Anthropology that breaks your heart**. beacon press, 1996. p. 161-177.
- BRUNER, Edward. Ethnography as narrative. In: TURNER, Victor Witter; BRUNER, Edward (org.). **The anthropology of experience**. Illinois: University of Illinois Press, 1986. p. 139-158.
- DA MATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou como ter Anthropological Blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A Aventura Sociológica – Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 23-35.

- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ECKERT, Cornélia. Questões em torno de uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. In: ROCHA, A. C.; ECKERT, C. **Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013. p. 105-127.
- ELIAS, Norbert. Problems of Involvement and Detachment. **The British Journal of Sociology**, [s.l.], v. 7, issue 3, Sep. 1956, p. 226-252. Disponível em: <http://tucnak.fsv.cuni.cz/~hajek/ModerniSgTeorie/literatura/soliteri/Problems%20of%20Involvement%20and%20Detachment.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2022.
- ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo**. Caracas, Venezuela: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007. Serie colonialidad/modernidad/descolonialidad. ISBN 978-980-396-776-5.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo. In: EVANS-PRITCHARD, Edward Evan *Bruxaria* (org.). **Oráculo e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 243-255.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, [s.l.], v. 13, p. 155-161, 2005.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves. Aspectos Históricos e econômicos de Marapanim – Nordeste Paraense. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Série, Belém, PA, Antropologia, n. 67, março, 1978.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 13-41.
- GONTIJO, Fabiano. “As Ilhas Trobriand, a Antropologia e os Dimdim: Algumas Considerações Sobre Etnografia, Turismo e Reflexividade em “Lugares Sagrados””. **Revista de Antropologia**, [s.l.], v. 60, n. 1, p. 263-308, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26605351>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- ICMBio – INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Atlas dos Manguezais do Brasil**. Brasília, DF: ICMBio, 2018.
- ICMBio – INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Estudo socioambiental referente à proposta de criação de reserva extrativista marinha no município de Marapanim, Estado do Pará**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente; ICMBio, 2014.
- LIMA, Roberto Kant de. **A antropologia da academia: quando os índios somos nós**. 2. ed. rev. e ampl. Niterói: EdUFF, 1997. 63p (Antropologia e Ciência Política).
- MALINOWSKI, B. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 17-34.
- MARTINS, Ewerton Domingos Tuma. Desafios da implementação da Lei n. 10.639/2003 em escolas públicas no município de Marapanim, PA. **Revista em Favor de Igualdade Racial**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 97-111, 2021. DOI: 10.29327/269579.4.2-9. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4054>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.
- OLIVEIRA, R. C. de. O movimento dos conceitos na antropologia. **Revista de Antropologia**, [s.l.], v. 36, p. 13-31, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1993.111381>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- O'DWYER, Eliane Cantarino; SILVA, Katiane. Anthropological practices, inter-group conflicts and shared colonial experiences in a regional context of the Lower Amazon. **Vibrant**, [s.l.], v. 17, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vb/a/9h8zvTDmdkVf5mZWkpHpx6F/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PEIRANO, Mariza. 2014. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, RS, v. 20, n. 42, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: Do indizível ao dizível; Histórias de vida e depoimentos pessoais. *In*: LUCENA, C. T.; CAMPOS, M. C.; DEMARTINI, Z. de Brito. (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais**: olhares de Maria Isaura P. de Queiroz. São Paulo: Textos CERU, 2008. Série 2, n. 10. p. 35-77.

SANTOS, Karina Pimentel dos. COSTA, Sandra Maria Fonseca da. As articulações regionais das cidades de maré na microrregião do salgado (PA). *In*: XIV ENANPEGE – XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA. Campina Grande, Realize Editora, 2021. **Anais** [...]. Campina Grande, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/77889>. Acesso em: 1º fev. 2023.

SILVA, Guilherme Aglio. Tradição e Atualização: a luta dos pescadores artesanais de Itaipu -RJ. *In*: XXXI CONGRESSO ALAS, Montevideu, Uruguay, 2017. **Anais** [...]. Montevideu, Uruguay, 2017.

Ewerton Domingos Tuma Martins

Mestrando em Antropologia (PPGA-UFGA). Especialista em Docência no Ensino Superior; Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira; Licenciado Pleno em História e Pedagogia. Desenvolveu trabalho docente na área de História, Estudos Amazônicos e Pedagogia pela Prefeitura Municipal de Marapanim, PA. Participa do Grupo de Estudo Territórios, Identidades, Gênero e Ambiente (GEPTIGAM). Integrante/colaborador do periódico científico *Caderno 4 Campos*.

Endereço profissional: PPGA-UFGA, Rua da Reitoria, Universitário, Belém, PA. CEP: 66075-110.

E-mail: ewertontuma@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6273-9829>

Como referenciar este artigo:

TUMA MARTINS, Ewerton Domingos. Trajetória entre o “Campo Inicial” e a Formação Antropológica: a partir de onde e como eu faço ciência? **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e93850, p. 52-68, janeiro de 2024.